

HANS STADEN

Entre os aventureiros, curiosos de conhecerem as paragens remotas, de que lhe chegavam ao conhecimento notícias impressionantes, incluiu-se HANS STADEN, natural de Homberg, em Hessa, conforme declara, no limiar do livro, em que mais tarde registraria as suas peregrinações.¹ Com o propósito de conhecer a Índia, viajou de Bremen à Holanda, onde embarcou para Portugal.

A 29 de abril de 1547, saltou em Setúbal, e continuou até Lisboa, onde mudaria de rumo, a conselho do patricio, em cujo albergue se hospedou. Os navios, que se destinavam ao Oriente, já tinham partido, e como lhe não conviesse aguardar futura oportunidade anual, solicitou ao amigo indicação de qualquer outra possibilidade de velejar. Preparava-se PENTEADO para atravessar o Atlântico, em caravela acompanhada de navio pequeno. Aceitou-o por artilheiro. Em breve deixou o Tejo e não tardou em atingir a Madeira, que lhe mereceu sintética referência. "Esta ilha, pertencente ao rei de Portugal, é habitada por portugueses, é terra fértil, produz vinho e açúcar. Numa cidade, chamada Funchal, nos abastecemos de víveres e seguimos para a cidade Ighir Utrani, em Marrocos, que é governada por um príncipe dos mouros, um xerife". Para quem andava em busca de aventuras, ser-lhe-ia agradável, nesse porto marroquino, participar de breve luta, da qual resultou boa presa de "açúcar, amêndoas, tâmaras, peles de cabra e goma arábica". O navio era considerado inimigo, mas a carga, a que se enchera, pertencia a mercadores de Valência e Castela. Então, PENTEADO consultou as autoridades de Lisboa a respeito do destino que lhe deveria dar. De acordo com a resposta, deixou-a na ilha, para ulterior decisão e prosseguiu. Maravilhado com os episódios da travessia, proporcionados principalmente pela variedade de peixes, que lhe eram desconhecidos, contou 84 dias sobre ondas, sem lobregar terra alguma.

Ao cruzar o equador, assinalou: "Era aí muito quente, pois o sol do meio dia tombava a pino sobre nós e prolongava-se a calmaria por dias agora. À noite, às vezes, rebentavam fortes trovoadas, com chuvas e vento. Elas se armavam depressa e depressa desencadeavam; tínhamos que estar muito atentos, para que não nos surpreendessem sob as velas". Afinal, a 28 de janeiro, apareceu à vista o cabo de Santo Agostinho e "oito milhas além alcançamos o porto de Pernambuco onde os portugueses haviam fundado uma povoação por nome Olinda". Realmente, por essa ocasião, DUARTE COELHO edificava a sede da capitania de que era donatário, onde outrora os caetés mantinham a sua aldeia Marim. Vencidos, não desistiram da luta, ora na vila nascente, ora em Igarapé, de povoamento iniciado antes. Como repetissem investida de maior envergadura, o donatário solicitou auxílio dos navegantes dispostos às pelejas. Entre os quarenta combatentes desembarcados, contava-se H. STADEN, que de perto observou a tática indígena de combater, valendo-se de recursos locais. De dia, escondiam-se em valas, ao redor da povoação, a cujos moradores não permitiam o menor descuido. E tentavam queimar-lhes as casas por meio de flechas incendiárias, munidas de mechas de algodão embebido em cêra, ou então, recorriam às fumaças asfixiantes, obtidas de galharia de queima fácil, a que ajuntavam pimenta. À noite, recolhiam-se às trincheiras, constituídas de grossos troncos de árvores, que dificultavam os assaltos inimigos. Sustentaram o cerco por várias semanas, mas, afinal, depois de sortidas inoperantes, em que perderam alguns companheiros, desistiram de exterminar a povoação. De regresso a bordo, STADEN participou da excursão à Paraíba, terminada com vantagem para o navio francês, ancorado no porto, que PENTEADO em vão pretendeu abordar. Mas tiro certo, ro cortou-lhe o mastro principal da caravela, que não logrou perseguir o pirata, carregado de pau-brasil. À vista do revés e das perdas de combatentes, decidiu "regressar a Portugal, pois em consequência dos ventos adversos não podiam voltar ao porto, onde queríamos suprir-nos de víveres". Em condições precárias e com escassas provisões, empreenderam a viagem, durante a qual se contentaram, por vezes, com a ração diária de "um copo d'água e um pouco de farinha de mandioca brasileira". Mas a 12 de agosto, no porto dos Açores, incauto corsário, cuja tripulação o abandonou, em meio da refrega, proporcionou-lhes "muito vinho e pão, com que nos refizemos". Por outubro de 48, revia STADEN, ao fim de dezesseis meses, a capital portuguesa, onde não se demorou. Os proventos da peregrinação pelo litoral pernambucano, em que lutou mais de uma vez, não lhe compensariam os sacrifícios que o molestaram. Mas ouvira contar episódios fantásticos das paragens mais distantes, possuidoras de riquezas fabulosas, que satisfaziam as mais desmedidas ambições. E como ansiasse por novos riscos, resolveu oferecer os seus préstimos aos espanhóis, cujas colônias maravilhavam a Europa com os seus metais preciosos. Barco mercante inglês transportou-o ao porto de Santa Maria, donde prosseguiu até Sevilha. Soubes que "três navios se aprestavam para uma viagem ao Rio da Prata". De bom grado, foi aceito pelos organizadores da expedição, que deveria permitir a JUAN DE SANABRIA, primo-irmão de HERNAN CORTES, conquistador do império dos astecas, cumprir as cláusulas da capitulação firmada aos 22 de junho de 1547, mercê da qual atuaria com a autoridade de Adelantado. Por mais que apressasse os preparativos da armada, não conseguiu o escolhido por CARLOS V vê-la partir. Sucumbiu, antes de ultimá-los. Coube-lhe ao filho, DIOGO SANABRIA, substituí-lo nos direitos e obrigações, revalidados em novo ato contratual, de 12 de março de 1549.

Como, porém, necessitasse permanecer na Espanha, e cuidar de providências ainda necessárias, consentiu que partisse a vanguarda, em que ia a viúva, acompanhada de duas filhas solteiras. "Embarquei a bordo de um dos navios que estavam muito bem equipados, anotou STADEN, e logo partimos de Sevilha para São Lucas, na embocadura do Guadalquivir, rio onde se encontra Sevilha".

¹ STADEN (Hans) — Duas viagens ao Brasil.

Arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do Novo Mundo.

Livro Primeiro — As viagens.

Livro Segundo — A terra e seus habitantes.

Transcrito em alemão moderno por CARLOS FOUQUET e traduzido desse original por GUIOMAR DE CARVALHO FRANCO, com uma introdução e notas de FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO.

São Paulo — 1942.

Zarpavam, então, o patacho São Miguel e duas caravelas, "no quarto dia depois da Páscoa", mas forçados a arribar em Lisboa, rumaram, amainada a ventania, para a ilha de Palma, onde se provisionaram de vinho e combinaram que se encontrariam na costa fronteiriça, a 28 graus de latitude sul, para onde velejariam, reunidos, se possível, ou separados, em consequência de contratempos. Depois de tocarem em Cabo Verde e São Tomé, que lhe proporcionou a tomada de água fresca, verificaram o acerto da combinação dos pilotos. Cada qual seguiu o seu fadário. A caravela de CRISTÓVÃO SAAVEDRA, em cuja companhia se achava HANS STADEN, por tempestuosa noite apartou-se da outra, mas logrou superar os "ventos desfavoráveis. Eles sopram naqueles mares quase sempre do sul, quando o sol está ao norte da linha equatorial e, ao contrário, vêm do norte, quando o Sol está ao sul do equador. Como eles durante cinco meses sopram fortemente numa direção, afastaram-nos quatro meses da nossa rota certa. Somente em setembro sopraram eles do norte. Então pudemos tomar o rumo sul-sudoeste para a América".

"Certo dia, em 18 de novembro, tomou o piloto a latitude. Encontravamo-nos a 28 graus. Então procuramos a terra, na direção oeste e avistamos também a costa". Depois de várias peripécias, alcançaram, a 25 de novembro, dia de Santa Catarina, a ilha que lhe tomava o nome. Decorridas três semanas, acolheram os peregrinos do patacho, que sofreram maiores desditas. Abordado por inclemente corsário francês, entregou-lhe todos os bens existentes a bordo, onde ficaram os navegantes apenas com a roupa que trajavam. Escasseavam as provisões, depois que desgarraram as duas caravelas, de uma das quais "nada mais soubemos, assinalou o alemão, tinha-se perdido". Em terra, auxiliados pelos nativos, cuidaram dos suprimentos indispensáveis. Pretendiam continuar a singradura em demanda do Rio da Prata, quando afundou, ainda no porto, a nau capitânia, em cujo bôjo perderam as suas provisões de viveres e mercadorias. A caravela restante perdeu-se na barra do Viçã. Desprovidos do necessário, como naufragos, aprenderam a nutrir-se do que lhes proporcionava a caça mais fácil, ou a pesca. "Tínhamos que comer lagartos, ratos do campo e outros animais esquisitos, que lográvamos colhêr, anotou o narrador, assim como mariscos que vivem nas pedras e muitos bichos estravagantes". Afinal dividiram-se em grupos, um dos quais, embarcado no bergatim construído no local, procurou a povoação portuguesa mais próxima, em busca de socorro. Nas imediações de Itanhaém, porém, soçobrou, conseguindo salvar-se a tripulação, de que fazia parte STADEN. Por terra, alcançou a vila fundada por MARTIM AFONSO DE SOUSA, que lhe mereceu referências: "São Vicente é uma ilha, que fica próxima ao continente e na qual se encontram duas povoações. Uma se chama em português São Vicente e na língua dos selvagens Upau-nema; a outra, distante daí cerca de duas milhas, é denominada Enguauguçu. Além disso existem na ilha alguns sítios, que são chamados engenhos e onde se fabrica açúcar". Assim começou a descrição da terra, dos episódios em que se envolveu, e da gente que a habitava. Como se divulgasse a notícia que era perito no manejo dos canhões, contrataram-no para artilheiro em Bertioça. Vigilante no fortim construído para conter a investida dos tupinambás, afastou-se, em dia nefasto, do seu posto, para caçar, e foi colhido em cilada. Conduzido para a aldeia de Ubatuba, passou a viver de acordo com os nativos, que o aprisionaram. Despido, à força, acompanhou-os em suas excursões às aldeias aliadas, convidadas para participarem da festança, em que seria abatido. Habilmente, porém, conseguiu protelar o dia fatal, em que seria devorado, até que, na baía de Guanabara, soube de aproximação de um navio francês, cujo comandante obteve autorização para lhe falar a bordo. Daí não mais saiu, mas prometeu voltar, com muitos presentes aos seus guardas, que seriam consolados de vê-lo partir. Ao fim de quatro meses de travessia, por fevereiro de 1555, atingiu Honfleur, na Normândia. Recusou novo contrato para continuar a vida aventureira de que já parecia estar saturado e partiu para a Alemanha, onde não tardaria em narrar as vicissitudes por que passou. Relembrou o seu penoso cativo nas aldeias, onde mais de uma vez esteve prestes a perder a vida, em meio de peripécias dramáticas. E tratou, depois, de "A terra e seus habitantes", para transmitir aos patrióticos os conhecimentos que adquirira, por observação direta, de extenso trecho do litoral brasileiro e dos silvícolas com os quais conviveu longamente. Começou por informar "como se viaja de Portugal ao Rio de Janeiro, que fica na América a cerca de 24 graus de latitude sul". Dedicou o segundo capítulo a "como está situada a terra da América ou Brasil, que em parte eu vi", consoante afirma lealmente. Não se inculca de conhecedor de ampla região, mas somente da faixa que palmilhou, espontaneamente, ou obrigado pelos guerreiros avermelhados, que o aprisionaram. Conheceu-lhes, por miúdo, os usos e costumes, que relatou de tal maneira realista, que os etnólogos modernos não lhe desprezam as descrições, apesar de desprovidas de propósitos científicos. Semelhantemente, a sua contribuição geográfica não avultará com a valia de um especialista. Mas representa a observação arguta de quem perlustrou dilatado segmento da orla atlântica, definida em seus pontos mais característicos. Nem sequer silenciou a respeito de "algumas árvores daquela terra" e de animais que se lhe depararam. A sua narrativa, despreziosa, mas fiel, despertou a atenção dos contemporâneos, que o animaram a reeditá-las inúmeras vezes,² assim evidenciando o aprego que lhe tributavam, como revelador consciencioso das peculiaridades geográficas de grande parte do litoral brasileiro.

VIRGILIO CORRÊA FILHO

² Somente na primeira década, de 1557, em que veio a lume pela primeira vez, a 1567, contaram-se oito edições, a saber, de acordo com informações de F. A. CARVALHO FRANCO

2 em Marburgo (1.^a e 2.^a)

2 em Francforte sobre o Meno (3.^a — 4.^a — 8.^a)

1 em Cherburgo (6.^a)

2 em Antuérpia, em flamengo (5.^a e 7.^a)

Antes de findar o século, mais três contribuíram para aumentar a nomeada do autor:

2 em Francforte sobre o Meno, (a 9.^a em latim e a 10.^a em alemão)

1 em Amsterdão (a 11.^a, em flamengo)

